

A COMUNICAÇÃO DO ALUNO AUTISTA ESTRATÉGIAS UTILIZADAS PARA SUA INCLUSÃO

Elisangela Vicente Pereira

Universidade Federal Da Grande Dourados

elilolacadu@outlook.com

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivos demonstrar a importância de identificar formas que viabilizem a comunicação em crianças com TEA Transtorno do Espectro do Autismo, Analisar a importância da inclusão das crianças autista. Tendo em vista a política nacional de inclusão escolar, caracterizando e explicitando a relação pedagógica que pode ser estabelecida com os mesmos mediante alguns recursos e estratégias de ensino. Para o alcance desses objetivos foi realizada uma pesquisa bibliográfica. O problema da pesquisa foi investigar procedimentos para se trabalhar com crianças com transtorno do espectro do autismo. O autismo se caracteriza por uma alteração cerebral uma desordem que compromete o desenvolvimento psíquico e neurológico da pessoa, afetando sua capacidade de se comunicar, compreender e falar, e seu convívio social. Este estudo tem um teor de grande importância para a sociedade por ser um problema que afeta uma pequena parcela da população, e sendo de pouca incidência, há a falta de conhecimento de como conviver com essa criança. Diante disso, este estudo buscou pesquisar sobre a inclusão social, sobre o surgimento, conceito e características do TEA, apoio especializado: pedagógico e multidisciplinar, e abordou-se sobre os procedimentos pedagógicos para trabalhar com crianças com transtorno do espectro do autismo. O autismo infantil é identificado a partir dos três anos de idade e consiste em um transtorno do desenvolvimento caracterizado por anormalidades qualitativas e quantitativas que afetam com maior prejuízo evidente as áreas de interação social, da comunicação e comportamento. Sua inclusão na educação deve se dar por meio de planejamentos específicos com adequação dos conteúdos e objetivos. Com isso, a criança terá autonomia e mais facilidade para a aquisição de competências e oportunidades de convivência com diferentes pessoas. No entanto, nem sempre é possível que esta inclusão aconteça de fato.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nas últimas décadas a inclusão social tem sido promovida em todo o mundo, buscando oferecer a escolarização regular de todos os alunos, seja aqueles com necessidades especiais o

não. Nesse sentido o conceito de criança da atualidade não tem a mesma significância social que tinha o conceito de criança nos séculos passados. Descrito pela primeira vez em 1949, pelo psiquiatra austríaco Léo Kanner, que no primeiro momento relacionou os sintomas a fenômenos esquizofrênicos, mas, em 1949, reformulou a sua definição, o autismo infantil foi considerado como um transtorno que incluía: grande dificuldade no contato com as pessoas, um desejo obsessivo de preservar as coisas e as situações, uma ligação especial aos objetos e a presença de uma fisionomia inteligente, além das alterações de linguagem que se estendiam do mutismo a uma linguagem sem função de comunicação (LAPLANE, 2016, p. 270). A partir do conhecimento sobre o que é este distúrbio e a partir do conhecimento de como crianças com Transtorno do espectro autista se comportam, pensam e interage, o professor consciente de seu papel, oportunizará um trabalho pedagogicamente para amenizar os déficits. Nesse enfoque a principal tarefa social é extrair barreiras atitudinais que são as barreiras para a efetiva participação de pessoas nos vários âmbitos da vida social, é atitude humana e sensata no intuito de aumentar as possibilidades da pessoa com deficiência, garantindo dignidade e segurança para as pessoas com transtorno do espectro autista. Quando a criança com TEA apresenta déficits na comunicação social e interação social e padrões repetitivos e restritos de comportamentos, interesses e atividades, de acordo com Vieira (2016), apresentam alguns procedimentos e atividades que visam melhorar as atitudes e os comportamentos e a comunicação. O autismo apresenta uma multiplicidade de fatores e manifestações diferentes de um caso para outro. Isso dificulta um consenso entre as abordagens de educação e atendimento, ou seja, não existe um só método para se trabalhar com autista e sim vários, estes são chamados de Comunicação Alternativa e Ampliados.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Segundo Gil (1995), a metodologia consiste, essencialmente, num conjunto de procedimentos que refletem o caminho percorrido ou a percorrer, no sentido de organizar, planificar e desenvolver todo o trabalho de projeto. Neste sentido, a metodologia utilizada neste trabalho foi de pesquisa bibliográfica.

4. DESENVOLVIMENTO

O autismo ainda é uma condição no ser humano a ser estudada, pois o que se tem sobre tal síndrome, ainda não relata todo seu conteúdo e sua forma, não há um consenso sobre suas causas. Segundo Baptista e Bossa (2002, p.21), já na década de 1930, Leo Kanner, autor

das primeiras publicações sobre o autismo, “denunciava o monopólio de grupos que advogavam a propriedade sobre qualquer conhecimento relacionado ao autismo e o alarde precipitado de curas milagrosas”. Nesse mesmo artigo, chamava a atenção para quanto o conhecimento acerca da etiologia (estudo sobre a origem das coisas) e o tratamento do autismo era limitado, contando-se, predominantemente, com especulações teóricas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo permitiu observar que o autismo é mais uma das dificuldades encontradas pelos profissionais da área da educação, para trabalhar com seus alunos. Sendo assim o profissional da educação necessita buscar metodologias mais eficazes e condizentes com a necessidade de cada aluno autista, tendo que compreender que cada um tem sua especificidade e cada um necessita de um tipo de atendimento. Conclui-se que há muito ainda a ser estudado e a ser feito pelo portador de autismo, bem como também a sua família, no sentido de auxiliá-la em métodos e maneiras que venham a mudar sua postura em relação ao atendimento das necessidades especiais que o autista carece. Hoje, ao contrário, as crianças deficientes autistas tem a possibilidade de serem escolarizadas.

6. REFERÊNCIAS

CUNHA, Eugênio. **Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2010.

DE MACÊDO, Cláudia Roberto Soares; DE PAULA NUNES, Débora Regina. **Aprendizagem mediada na escolarização de educandos com autismo**. Revista Educação em Questão, v. 54, n. 42, p. 135-160, 2016.

_____. **Declaração de Salamanca e Linha de Ação sobre Necessidades Educativas Especiais**. Brasília: Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, 1994.

Gil, A.C.(1995)- **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo. Editora Atlas.

MELO, Sandra Cordeiro; LIRA, Solange Maria; FACION, José Raimundo. **Políticas inclusivas e possíveis implicações no ambiente escolar**. In: FACION, José Raimundo. (Org). **Inclusão escolar e suas implicações**. Curitiba, Ibepex, 2009, p.54-75.

MIZAEL, Táhcita Medrado; AIELLO, Ana Lúcia Rossito. **Revisão de estudos sobre o Picture Exchange communication system (PECS) Para o ensino de linguagem a indivíduos com autismo e outras dificuldades de fala**. Revista brasileira de educação especial, Marília, v.19, n.4, p.623-636, 2013.